

A HUMANIZAÇÃO DO OUTRO NA COBERTURA JORNALÍSTICA DE ANTONIO PAMPLIEGA NOS CONFLITOS CONTEMPORÂNEOS DO AFGANISTÃO

Eduardo Ritter (Universidade Federal de Pelotas)

ABSTRACT

The stories are not unique, as there are several versions for the same facts. Thus, the Nigerian writer Chimamanda Ngozi Adichie tries to bring to the public, through her works, the various possible readings of reality. The same goes for journalism. One of the challenges of the 21st century is to overcome the barrier of over-quantification and remote coverage to humanize statistics. Contemporary conflicts in Afghanistan are an example of this. While the international coverage of vehicles in the western world is limited to surveys and data interpretations, Spanish journalist Antonio Pampliega left the comfort zone to go to the front. The result, many through Content Analysis, is the publication of a book-report in which we realize that the other (Oriental, Muslim and Afghan) is as human as any Western reader.

Keywords: Humanized journalism; war journalism; international journalism, narrative; Afghanistan.

RESUMO

As histórias não são únicas, pois há diversas versões para os mesmos fatos. Assim a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie tenta levar ao público, através de suas obras, as diversas leituras possíveis da realidade. O mesmo vale para o jornalismo. Um dos desafios do século XXI é ultrapassar a barreira do excesso de quantificação e da cobertura feita à distância para humanizar as estatísticas. Os conflitos contemporâneos no Afeganistão são um exemplo disso. Enquanto a cobertura internacional de veículos do mundo ocidental se resume a levantamentos e interpretações de dados, o jornalista espanhol Antonio Pampliega saiu da zona de conforto para ir ao *front*. O resultado, obtido através da Análise de Conteúdo, é a publicação de um livro-reportagem em que percebemos que o outro (oriental, muçulmano e afegão) é tão humano quanto qualquer leitor ocidental.

Palavras-chave: Jornalismo humanizado; jornalismo de guerra; jornalismo internacional; narrativa; Afeganistão.

RESUMEN

Las historias no son únicas, ya que hay varias versiones para los mismos hechos. Así, la escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie intenta llevar al público, a través de sus obras, las diversas lecturas posibles de la realidad. Lo mismo vale para el periodismo. Uno de los desafíos del siglo XXI es superar la barrera de la sobre cuantificación y la cobertura realizadas a distancia para humanizar las estadísticas. Los conflictos contemporáneos en Afganistán son un ejemplo de esto. Si bien la cobertura internacional de vehículos en el mundo occidental se limita a encuestas e interpretaciones de datos, el periodista español Antonio Pampliega abandonó la zona de confort para ir al frente. El resultado, obtenido a través del Análisis de Contenido, es la publicación de un informe de libro en el que nos damos cuenta de que el otro (oriental, musulmán y afgano) es tan humano como cualquier lector occidental.

Palabras clave: periodismo humanizado; periodismo de guerra; periodismo internacional; narrativa Afganistán

Recebido em 14 de maio de 2021.

Aceite em 15 de julho de 2021.

Introdução

Em meio à guerra de Biafra (1967-1970), em que a parte sul – majoritariamente cristã – busca a independência da Nigéria muçulmana do norte, o casal de professores universitários Odenigbo e Olanna vê suas vidas, até então confortáveis e com certo luxo, ruírem. Fugindo das tropas do Norte, o casal, acompanhado pelo garoto Ugwu, parte de cidade em cidade até ficar encurralado e obrigado a viver em um campo de refugiados improvisado tendo que entrar em filas intermináveis para ganhar comida e conseguir leite em pó para o bebê recém-nascido. É assim que a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie humaniza a história do confronto em “Meio sol amarelo” (Adichie 2008). Na narrativa, os mais de um milhão de soldados e civis mortos dos dois lados do conflito ganham vida. Humanizam-se. “Parecia surreal perguntar *Quando ela morreu?* sobre a própria mãe. E não tinha importância a data em que ela tinha morrido” (Adichie 2009: 486). Angústia, esperança, dor, alegria, alívio, desespero, sorrisos, sofrimento, amor, lágrimas, vida e morte. Tudo se mistura demasiadamente humano. Escrito a partir de entrevistas feitas com os próprios familiares que vivenciaram a guerra, Adichie rompe com a falácia da história única. Exatamente como o jornalismo, historicamente e ideologicamente, sempre se propôs a fazer.

Feitas essas considerações, o presente artigo analisa uma obra jornalística que também tenta romper com os preconceitos e estereótipos que prevalecem no olhar míope do ocidente sobre o oriente: as sequentes guerras no Afeganistão. Confrontos no Oriente Médio geralmente são abordados cotidianamente a partir de estatísticas, números e imagens cruéis. Os acontecimentos são informados através de referências repassadas pelas agências de notícias, com o sítio dos atentados, o número de vítimas fatais e o grupo terrorista que reivindica a ação. Poucos repórteres conseguem ir até o local do *front* para contar ao restante do mundo o que realmente está acontecendo. Comodismo, economia e segurança reforçam a cobertura feita à distância. Uma cobertura baseada em números e estatísticas. O jornalista Antonio Pampliega, por sua vez, saiu dessa zona de conforto e partiu para o Oriente Médio para escrever um livro-reportagem sobre a vida no Afeganistão. Justamente ele, que ficou famoso após ser sequestrado e mantido em cativeiro pela Al-Qaeda por 299 dias na Síria, em 2015.

Há outras obras jornalísticas que tratam sobre conflitos no Oriente Médio e o Afeganistão. A brasileira Adriana Carranca, por exemplo, publi-

cou “O Afeganistão Depois do Talibã”, em 2012. No entanto, estabeleceu-se o critério atualidade para a seleção do livro-reportagem a ser analisado: a obra de Pampliega, “*Las trincheras de la esperanza*”, foi publicada no final de 2018 e traz relatos que apontam que o conflito está muito longe do fim. Assim, estabeleceu-se a seguinte questão norteadora de pesquisa: quais elementos do jornalismo humanizado, descrito por Jorge Ijuim, podem ser percebidos na obra de Pampliega? E mais: como a narrativa do jornalista espanhol combate a perspectiva da história única denunciada por Adichie?

Para responder a esses questionamentos, o texto se divide em três partes. Inicialmente são apresentadas considerações sobre a cobertura no Oriente Médio feita por repórteres ocidentais, valendo-se do livro-reportagem. Posteriormente é destacada uma síntese do conceito de jornalismo humanizado e do perigo da história única. Por fim, após uma breve apresentação de Antonio Pampliega, valendo-se da Análise de Conteúdo (AC), de Bardin (2011), é feita a exploração da obra escrita pelo jornalista espanhol sobre a vida no Afeganistão. Vale ressaltar que Bardin (2011: 35) salienta que a AC é indicada para a superação da incerteza e o enriquecimento da leitura. “Pela descoberta de conteúdos e de estruturas que confirmam (ou infirmam) o que se procura demonstrar a propósito das mensagens, ou pelo esclarecimento de elementos de significações suscetíveis de conduzir a uma descrição de mecanismos”. Ressalta-se ainda que todas as citações de obra em espanhol tiveram tradução livre.

1. Conflitos no Oriente Médio: uma temática antiga e contínua do JL

Em outubro de 2012, uma garota de 15 anos era alvejada com três disparos de a queima roupa enquanto ia para a escola no Paquistão. Malala Yousafzai ficou famosa por sobreviver a um atentado organizado pelo Talibã¹, pois com essa idade já era uma ativista defensora da educação e dos direitos das mulheres no Oriente Médio. “Executamos o ataque e toda pessoa que fale contra nós será atacada da mesma maneira” (Yousafzai; Lamb 2013: 268), informou o grupo terrorista, reivindicando a autoria do atentado. A narrativa, escrita em parceria com a jornalista britânica Christina Lamb, rapidamente se tornou *best-seller* no mundo inteiro.

O exemplo de Malala demonstra o interesse do Ocidente em entender

¹ Movimento fundamentalista islâmico que defende que as leis sigam os mandamentos do Alcorão (livro sagrado do islã).

melhor os conflitos no Oriente Médio. Consequentemente, histórias que acontecem em zonas de conflitos passam a ser objetos de livros-reportagens escritos por jornalistas que buscam ir além da cobertura feita à distância a partir das redações ocidentais. Esses jornalistas acreditam que lugar de repórter é, no mínimo, na rua, sendo que essa via pode levar ao *front*. Destarte, a escolha de um livro-reportagem para retratar uma realidade distante se torna o meio perfeito para a publicação de tal material. “O livro-reportagem pode servir a distintas finalidades típicas ao jornalismo, que se desdobram desde o objetivo fundamental de informar, orientar, explicar” (Lima 2004: 28). Na obra de Pampliega, a narrativa se enquadra em outros dois subgêneros de livro-reportagem: cobertura de guerra e Jornalismo Literário (JL) de viagem. “Do ponto de vista da área da Comunicação, relatos dessas viagens são fundamentais para a compreensão da saga humana, pois que as narrativas, plurais, revelam-se um instrumento único de descrição devido à diversidade histórica, geográfica e cultural” (Martinez 2016: 68).

São diversos os jornalistas que procuram ir além da cobertura distante para humanizar histórias que ocorrem em zonas de conflito. Sobre o mesmo Afeganistão, a brasileira Carranca (2012) publicou “O Afeganistão depois do Talibã”. A jornalista Adriana Mabilia, por sua vez, viajou à região para escrever um livro-reportagem sobre a Palestina. Desse trabalho jornalístico a autora escreveu “Viagem à Palestina: prisão a céu aberto”. Mas não foi apenas para cobrir conflitos que jornalistas brasileiros viajaram para o outro lado do mundo. Contemporaneamente, Airton Ortiz escreveu “Expedições urbanas: Jerusalém” (2011), em que narra a passagem pelo Oriente Médio destacando a cultura local. Anteriormente, Érico Veríssimo ficou um mês na mesma cidade para escrever “Israel em abril”, publicado em 1969. “Na opinião destes religiosos ortodoxos, Jerusalém é uma cidade santa onde nenhum hebreu digno desse nome deve andar de cabeça descoberta e rosto raspado, usar roupas coloridas, dirigir carros particulares durante o Sabá” (Veríssimo 1997: 259).

Na literatura ocidental, diversos livros-reportagem sobre guerras e a cultura do Oriente Médio se tornaram clássicos. Michael Herr, por exemplo, escreveu “Despachos do front”, resultante da cobertura da Guerra do Vietnã (1955-1975). Em uma linguagem agressiva, ele descreve o dia-dia dos jornalistas no *front* e toda a sua tragédia.

Era morte por falta de sorte, se é que isso quer dizer alguma coisa, e apenas um dos quatro correspondentes mortos era um estranho para mim. Dois

eram conhecidos próximos, e o quarto era um amigo. Seu nome era John Cantwell, um australiano que trabalhava para a *Time*, e tinha sido um dos primeiros amigos que fiz no Vietnã (Herr 2005: 227).

Sobre o mesmo conflito, o brasileiro José Hamilton Ribeiro escreveu “O gosto da guerra”, em que narra como perdeu uma das pernas após pisar em uma mina.

O jornalista polonês Ryszard Kapuscinski também se tornou um especialista em cobrir zonas de conflitos. Em “O *xá dos xás*”, ele descreve a queda do último *xá* (rei) do Irã, mesmo que a sua presença no país desagradasse às autoridades locais.

E é por isso que os tiranos, aparentemente imunes a petardos e estiletos, temem as palavras sobre as quais não exercem nenhum controle. Palavras que circulam livremente, palavras clandestinas, rebeldes, que não foram metidas num uniforme de gala nem autenticadas por um selo oficial (Kapuscinski 2012: 139).

Outra possibilidade de livro-reportagem é a coletânea de reportagens. Nacionalmente, Humberto Trezzi utilizou textos inéditos resultantes de passagens por zonas de conflito para publicar “Em terreno minado”. Já a jornalista americana Eliza Griswold reuniu textos sobre os países que formam o paralelo 10, a linha geográfica e ideológica que divide o mundo cristão e islâmico na África e no Oriente. “As divisões entre Norte e Sul ao longo do paralelo 10 datam de séculos, e o regime colonial apenas as reforçou” (Griswold 2012: 21). Há ainda diversas outras obras sobre o Oriente Médio escritas por jornalistas ocidentais, no entanto, as que foram citadas visam apenas contextualizar a temática e demonstrar que o interesse jornalístico sobre o assunto é antigo e contínuo. É possível citar muitos outros títulos que demonstram isso, dentre os quais: “O silêncio contra Muamar Kadafi”, de Andrei Netto (2012); “Filhos de Saravejo”, de Bruno Marfinati (2010); “Dias de inferno na Síria: o relato do jornalista brasileiro que foi preso e torturado em plena guerra”, de Klester Cavalcanti; “Vietnã do Norte”, de Antônio Callado (1969), apenas para ficar em exemplos brasileiros.

2. O jornalismo humanizado em oposição à história única

A perspectiva de jornalismo humanizado, defendida por Jorge Ijuim, vai ao encontro do combate à história única proposto pela escritora Chi-

mamanda Adichie. Na fala de Adichie (2010), ela revela que cresceu lendo livros infantis que contavam com personagens brancos e estrangeiros. “Eu convenci-me de que os livros, por sua própria natureza, tinham que ter estrangeiros e tinham que ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar” (Adichie 2010¹). A autora revela que na adolescência descobriu autores africanos e com isso percebeu que as histórias poderiam ser contadas de diversas maneiras. “Mas a consequência inesperada foi que eu não sabia que pessoas como eu podiam existir na literatura. Então o que a descoberta dos escritores africanos fez por mim foi: salvou-me de ter uma única história sobre o que os livros são”.

Adichie (2010²) conta ainda que ao deixar a Nigéria para estudar em uma universidade nos Estados Unidos, a sua colega de quarto ficou chocada ao perceber que a estudante nigeriana falava inglês fluentemente e sabia usar um fogão sem a ajuda de nenhum americano. “O que me impressionou foi que ela sentiu pena de mim antes mesmo de ter me visto. Sua posição padrão para comigo, como uma africana, era um tipo de arrogância bem intencionada, piedade”, afinal, a colega conhecia apenas uma versão da história sobre o continente africano: a história da catástrofe e da pobreza.

A romancista revela que a perspectiva da história única não se restringe a grupos de pessoas que tem uma formação restrita. O professor de literatura de Adichie, ao ler os seus primeiros textos, comentou que as narrativas não tinham autenticidade africana. “O professor me disse que minhas personagens pareciam-se muito com ele, um homem educado de classe média. Minhas personagens dirigiam carros, elas não estavam famintas. Por isso elas não eram autenticamente africanas” (Adichie 2010³).

O ator Lázaro Ramos, por sua vez, questiona a falta de alternativas para que grupos que sofrem preconceitos rompam com essa história única: “se não existirem referências da cultura negra, ou se todas elas forem negativas ou por demais insignificantes, isso não impactará diretamente na nossa capacidade de sonhar, de nos sentirmos possíveis, de nos identificarmos com alguém?” (Ramos 2017: 78). Ou seja, ainda há um abismo a ser preenchido até que haja uma representação das mais diversas culturas e etnias que rompam com a perspectiva de uma única história.

¹ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/> Acesso em: 3 de março de 2019.

² Ibidem.

³ Ibidem

Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida (Adichie 2010).¹

Essa, portanto, é a interseção entre o jornalismo e as mais variadas formas de narrar ficção: contar e recontar histórias. Nesse sentido, o professor Jorge Ijuim apresenta uma proposta teórica de jornalismo humanizado. Em entrevista a Bortoli (2016), Ijuim destaca que durante o processo de apuração, o repórter não se depara com um objeto, mas sim, com outros seres humanos inseridos no processo comunicativo.

Em sua relação com o mundo, o jornalista esvazia-se de preconceitos de modo a captar, ver e enxergar, ouvir e escutar, questionar e sentir. Munido de uma racionalidade criativa e da emoção solidária, assume a postura de curiosidade e descoberta, de humildade. Como consequência, sua narrativa será a organização do que está disperso, com as ligações do que está desconexo, rica em contexto que possa esclarecer, proporcionar compreensão (Bortoli 2016: 9).

O jornalista, então, deveria respeitar as diferenças e evitar julgamentos para, somente depois disso, organizar e elaborar narrativa que será levada ao público. Em outras palavras, o jornalista ideologicamente deveria combater a perspectiva de uma história única. Outro ponto importante citado por Ijuim em entrevista a Bortoli (2016) é a diferenciação de jornalismo humanizado da humanização da notícia. Segundo o pesquisador, quando há apenas a humanização da notícia, ou seja, quando é feita a menção ao nome, idade e outras características do entrevistado, é possível tratar o sujeito de maneira preconceituosa e estereotipada. Nesse caso, o narrador está apenas reforçando a história única. Destarte, ele pode estar fortalecendo os estereótipos de determinado grupo a partir de uma leitura superficial de um caso específico.

Desta forma, Ijuim (2017) aponta situações em que a humanização do jornalismo se faz necessária, sendo elas: 1) quando o jornalismo caricaturiza o ser humano, 2) quando ignora a complexidade do fenômeno, 3) quando não reconhece o Outro. “Caricaturizar o ser humano, não perceber a complexidade dos fenômenos e não reconhecer e não se comunicar com o Outro, me parece, são maneiras de não colocar o ser humano como ponto de partida e de chegada na narrativa jornalística” (Ijuim 2017: 247). Assim,

¹ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/> Acesso em: 3 de março de 2019.

o livro-reportagem acaba sendo uma boa opção para tratar o ser humano em toda a sua complexidade, fugindo de estereótipos e da história única. O JL pode não ser garantia alguma de realização de jornalismo humanizado, mas as ferramentas que o repórter tem ao escrever um livro permitem que ele apresente alternativas à história única. “A reportagem dá certo ou falha segundo a posição do autor diante da realidade, pois refletir um fato consiste em estar na posição adequada para compreender total e adequadamente” (Montoro 1973: 130-31). Ou seja, o repórter ainda ocupa um lugar privilegiado para tentar romper com a singularidade dos olhares sobre determinada temática, que pode ser, por exemplo, uma região geográfica específica.

3. Antonio Pampliega: um repórter de guerra

Antonio Pampliega é jovem: nasceu em Madrid em 1982, ou seja, em 2019 está com 37 anos. Formado em jornalismo em 2004 pela Universidade Europeia de Madrid, dedica-se ao jornalismo em zona de conflito desde 2007, quando tinha 25 anos. “Quando entrei na profissão meu sonho era ser jornalista esportivo, cobrir mundiais e jogos olímpicos” (Pampliega 2018)¹. O que o fez mudar de ideia foi uma conferência de um fotógrafo da *National Geographic* na universidade, que mostrou como era o trabalho sobre a guerra do Afeganistão. Pampliega conta que ficou encantado com a paixão com que o repórter falava sobre a sua atuação em zonas de conflito. Assim, Pampliega passou a buscar meios para realizar o sonho de ser correspondente de guerra.

Logo, ele descobriu que a profissão era marcada por dificuldades, pois poucos veículos querem pagar para manter um jornalista em lugares como o Oriente Médio ou África. Para ele, a palavra “precariedade” define o desafio da profissão, pois além dos baixos salários, cobrir uma guerra é bastante caro. O repórter afirma que quando esteve no Iraque, por exemplo, gastava em média de 600 euros por dia, enquanto os veículos espanhóis pagam entre 35 e 45 euros por reportagem. “Nós sobrevivemos porque trabalhamos para veículos estrangeiros: grandes agências e grandes jornais. Senão, seria inviável²”, salienta Pampliega, que já atuou em países como Iraque, Líbano, Paquistão, Egito, Haiti, Síria, Sudão do Sul e em 2019 encontra-se na Venezuela fazendo reportagens para a France Express, La Razón, ABC e outros veículos europeus e americanos.

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fv0yS8Dx6UY>. Acesso em 10 de março de 2019.

² Ibidem.

Pampliega se tornou conhecido no cenário internacional quando foi sequestrado pela Al Qaeda em 2015, juntamente com os jornalistas Angel Sastre e Jose Manuel Lopez, todos espanhóis. Os três estavam cobrindo o conflito na Síria, quando foram pegos pelo grupo terrorista, que os mantiveram presos durante 10 meses em condições precárias que incluíam agressões, tortura e ameaças. Apesar do sequestro, Pampliega relata que gostaria de seguir atuando na Síria e só não o faz porque prometeu para a sua família não voltar para lá.

Se pudesse estaria ainda na Síria contando o que está ocorrendo, porque sem nós, os jornalistas que cobrimos as zonas de guerra, o mundo é muito mais obscuro. Ninguém sabe o que realmente está passando na Síria e tampouco no Iémen, na Somália ou no centro africano. E por quê? Porque não há jornalistas [...] Se houvesse uma guerra no meu país eu gostaria de ter alguém aqui para contar ao mundo o que está ocorrendo (Pampliega 2018).¹

Com esse espírito, Pampliega retornou para zonas de conflito em 2018, inicialmente com o objetivo de escrever uma biografia sobre o fisioterapeuta italiano Alberto Cairo, que trabalha há quase 30 anos na Cruz Vermelha do Afeganistão. No entanto, o personagem se recusou a ser o principal personagem do livro proposto por Pampliega. Ele queria que os personagens principais fossem os próprios afegãos. Desta forma surgiu “Las trincheras de la esperanza”, analisado a seguir.

4. A humanização da reportagem na obra de pampliega “Las trincheras de la esperanza”

Para analisar a obra “Las trincheras de la esperanza”, de Pampliega, estabeleceram-se quatro categorias, elencadas a partir da Análise de Conteúdo, considerando as perspectivas de jornalismo humanizado e história única, abordados anteriormente. São elas: 1) a humanização da narrativa; 2) o cotidiano dos personagens; 3) a repressão contra a mulher; e 4) as vítimas da guerra. Todas as categorias são homogêneas, dialogando entre si e se complementando. Essa perspectiva metodológica se justifica pois a categorização permite analisar o objeto a partir das categorias previamente definidas.

Sobre a humanização da narrativa, vale mais uma vez recorrer a Ijuim. Como mostra o autor, preconceitos, reduções, estereótipos, juízos de valor

¹ Ibidem.

e outros elementos podem, sim, desumanizar o texto, bem como a perspectiva de uma única história. Assim, a humanização do texto é um desafio a ser encarado por jornalistas que cobrem, entre outras temáticas, as zonas de conflito. “Em sua relação com o mundo, o jornalista esvazia-se de preconceitos de modo a captar, ver e enxergar, ouvir e escutar, questionar e sentir” (Ijuim 2014: 14). O autor complementa que o jornalista deve estar munido de uma racionalidade criativa e emoção solidária para assumir uma postura de curiosidade e descoberta, sem abrir mão de sentir as dores do mundo.

A obra de Pampliega é marcada por essa emoção solidária, que também pode ser chamada de empatia. Quando apresenta e conta as histórias de cada um dos personagens envolvidos é como se ele ampliasse o *zoom* universal sobre a guerra. Um exemplo é o capítulo “Inimigos a força”, em que o jornalista apresenta Ghulam Hussain e Najibullah, dois integrantes de grupos rivais que se conheceram na Cruz Vermelha e se tornaram grandes amigos. “Romântica? A guerra não tem nada de romântica. Nada, absolutamente nada! Eu sei o que é uma guerra... Eu lutei muitos e muitos anos e jamais voltarei a combater” (Pampliega 2018: 53), diz Hussain, que admite que matou milhares de pessoas durante as batalhas. “Durante dez anos a única coisa que aprendi foi matar, nada mais. A guerra me deixou claro que somente morrem os pobres. Nós matamos para que os ricos sejam mais ricos a custa de nosso sangue” (Pampliega 2018: 54), complementa. Contrariando a visão preconceituosa do ocidente, que considera o Afeganistão um povo violento e acostumado às guerras e mortes, Nijibullah afirma: “Os afegãos não são uma sociedade violenta. Quem nos governa são os que nos colocam a matar uns aos outros” (Pampliega 2018: 57).

Dando voz aos dois ex-combatentes, o repórter apresenta a outra história: a de que os afegãos são tão humanos quanto nós. Os dois personagens se conheceram na Cruz Vermelha. Ambos perderam uma das pernas pisando em minas e, em uma sociedade em que portadores de qualquer tipo de deficiência são descartados e trancados dentro de casa, eles conseguiram emprego justamente na entidade internacional de ajuda humanitária através do fisioterapeuta Alberto Cairo. “Eu lutava contra meus irmãos em uma guerra sem sentido. Não há dia que eu não peça perdão a Alá pelo que fiz”, confessa Najibullah.

Em outro capítulo, “A loucura da guerra”, Pampliega, através das histórias dos personagens, também desmistifica a ideia preconceituosa de que as pessoas no Oriente Médio não sofrem tanto a morte de seus entes queridos quanto os ocidentais, por estarem acostumados à violência. Ao visitar

uma prisão, que equivaleria a um manicômio, em Cabul, o repórter conta a história de alguns afegãos que estão lá, presos atrás de grades como feras irracionais, sem nenhum tipo de tratamento.

Wakin está há mais de uma década sem por um pé na rua. Porém, não é um preso, nem está sequestrado, nem é um escravo. Está preso, sim, porém em si mesmo. Vive em um mundo paralelo onde tudo é fantasioso. Não é capaz de distinguir o real do irreal. Há perdido a razão por completo. É um condenado da guerra. Um morto em vida (Pampliega 2018: 211).

O personagem ficou assim com o passar dos anos, depois que vários homens entraram em sua casa e mataram toda a sua família quando ainda era criança. Deixaram-no vivo para contar aos outros o que o Talibã era capaz de fazer aos infiéis. Sobreviveu, mas perdeu a razão pelo sofrimento de ver seus pais e irmãos sendo executados a sangue frio. “Não há uma família no Afeganistão que não tenha sido afetada por esses anos de guerra” (Pampliega 2018: 213).

Em seu livro-reportagem, Pampliega também conta a história do conflito desde 1979, quando começou o combate com os soviéticos. Depois, a disputa pelo poder nos anos 1990 que culminou com a ascensão dos Talibãs, que prendia, torturava e executava qualquer opositor ao regime, que defende a união entre o islã e as leis do país a partir de uma interpretação do texto sagrado que privilegia a punição. No entanto, o jornalista mostra que o poder sempre foi conquistado pela força, nunca pela democracia, fazendo com que milhões de pessoas que não concordam com o sistema sofram com ele e com os conflitos. O repórter também narra a queda dos talibãs após o ataque de 11 de setembro de 2001, com a ocupação americana, bem como a redução da vigilância internacional, que está levando a uma nova ascensão talibã. Sendo que tudo isso está acontecendo sem qualquer destaque na mídia ocidental.

Chega-se, então, a segunda categoria: o cotidiano dos personagens. Pampliega só conseguiu narrar o dia-a-dia dos afegãos, indo até o local dos acontecimentos, entrevistando pessoas e tentando conhecer ao máximo o outro. Afinal, a narrativa é uma arte que se constrói com conhecimento. “Por que então a arte é também um *conhecer*? Porque ela revela um novo olhar. O olhar, e não apenas o artista, também dá forma e significado ao fazer artístico” (Vilas-Boas 2008: 25). É com conhecimento que o jornalista poderá transformar o seu texto não só em uma narrativa literária, como no caso do livro-reportagem, mas também em uma forma de jornalismo humanizado.

Um dos temas abordados pelo repórter que se relaciona com o cotidiano afegão é a educação. Bem como ocorre no Paquistão de Malala, os governos autoritários que comandaram o Afeganistão ao longo de décadas, temem a popularização do conhecimento. “A educação é democracia, cultura, futuro, esperança, inconformismo, luta, dignidade. A educação é a ferramenta que tem as sociedades para não deixar-se domar e para lutar pelos seus direitos” (Pampliega 2018: 105). Justamente por isso “os regimes ditatoriais aproveitaram a educação em benefício próprio para adormecer as mentes, como se tratasse de ópio” (Pampliega 2018: 105). O jornalista espanhol narra o cotidiano de Najia, uma afegã que perdeu uma perna e, assim como Malala, teve que estudar escondido durante o regime talibã, pois além de ser deficiente ainda era mulher. No entanto, após a queda do regime no início do século XXI, os mesmos conservadores foram postos no poder da suposta nova democracia. “Acreditávamos que haviam libertado as afegãs para guardarem a burca no armário. Pois estávamos totalmente equivocadas... O Afeganistão segue dando voltas sem sair do lugar” (Pampliega 2018: 113), avalia Najia em 2018. Ou seja, mesmo com a queda do regime talibã em 2001, o cotidiano das mulheres que querem estudar continua sendo o mesmo. O repórter cita que em 2015 foram fechadas 714 escolas de 24 províncias deixando 2,5 milhões de estudantes sem educação primária e secundária. “Apenas 37% das adolescentes estão alfabetizadas” (Pampliega 2018: 113).

Seguindo na mesma linha, a quarta categoria é justamente a violência e repressão contra as mulheres. Mesmo essa sendo uma temática que aparece em toda a obra, o capítulo “Entre o fogo e o abismo” é o mais impactante. Nele, o repórter conta a história de mulheres que atearam fogo ao próprio corpo ou foram incendiadas por suas famílias. Quando sobrevivem, elas vão para um hospital especializado em queimaduras, que geralmente está lotado. Uma dessas pacientes teria se queimado ao sofrer um ataque de epilepsia e cair sobre o fogão aceso. O marido, no entanto, manteve-a presa em casa durante 22 dias sem medicamentos e sem atenção médica. Vendo que perderia a filha, a mãe fugiu de casa, levando-a ao hospital. “É sua segunda mulher. Tem mais outra. Se minha filha morresse, não lhe importava. Iria se casar com uma nova” (Pampliega 2018: 265), conta a mãe ao repórter.

Conforme dados apontados pelo jornalista, o Afeganistão é o único país do mundo onde as mulheres se suicidam mais do que os homens. Em 2012, 2.500 mulheres tiraram a própria vida. Várias delas ateando fogo ao próprio corpo. Isso sem contar as que são mortas ou incendiadas pelo mari-

do ou familiares, pois a legislação afegã permite o marido, o pai e os irmãos a executar uma mulher por desonrar a família.

A última categoria, bem como as anteriores, também permeia todo o livro e se relaciona com as outras: as vítimas da guerra. São várias: mulheres, crianças, idosos, deficientes, homens, estrangeiros, cristãos. O capítulo que melhor ilustra a temática é “O sorriso de Mazer e Sharif”. “Não creio no ser humano. Dessa forma, faz muitos anos que deixei de ter fé nele. Depois de uma década cobrindo conflitos bélicos e trabalhando nos piores buracos negros do planeta é impossível descrever o que sinto” (Pampliega: 2018: 223). Assim o repórter abre o capítulo em que conta sobre o assassinato da enfermeira espanhola da Cruz Vermelha na cidade de Mazar e Sharif, Lorena Enebral.

Lorena era descrita como bem humorada e com uma visão de mundo completamente humanitária. Deixou uma vida relativamente confortável na Espanha para ajudar às vítimas da guerra no Afeganistão. No entanto, foi morta por um dos pacientes da Cruz Vermelha que usava cadeira de rodas. Muhammad Naseem escondeu a pistola no interior de sua cadeira. Uma vez dentro do centro, ele partiu para o seu objetivo: matar qualquer estrangeiro que encontrasse, qualquer infiel. Khaled, fisioterapeuta do centro, explica ao jornalista:

Eles manipulam os jovens – ele tinha pouco mais de 20 anos – pois são muito mais fáceis de recrutar. Sobretudo se são pobres e a única coisa que tem para sobreviver é a religião. Algum mulá o ordenou a assassinar um infiel e isso é o que ele fez. Disparou em Lorena porque era infiel (Pampliega 2018: 232).

Há diversos outros exemplos, nesse sentido, ao longo da narrativa: jovens e pessoas muito pobres são recrutadas para matar infiéis. Assim, convencem-nas a se tornar homens-bomba: matando infiéis, eles conquistariam um lugar no paraíso, pois estariam atendendo aos desejos de Alá. Quanto maior a ignorância, maior a facilidade nos recrutamentos. Por isso as ditaduras odeiam a educação e o conhecimento.

Por fim, ressalta-se que os breves exemplos que ilustram a humanização da narrativa de Pampliega sobre os conflitos no Afeganistão foram apresentados para mostrar que, sim, é possível humanizar o outro, por mais difícil que isso possa parecer. Ao invés de mostrar, por exemplo, o assassino de Lorena apenas como um “louco” que matou uma estrangeira, o repórter foi além e mostrou que o assassino também foi uma vítima de um sistema corrompido,

onde impera o fanatismo causado por uma leitura enviesada sobre um texto religioso. Ou, como destaca Pampliega e também Malala, um sistema que usa e abusa da religião e da corrupção para manter as coisas como estão: os poderosos e ricos cada vez com mais poder e com mais riquezas materiais.

Considerações Finais

Historicamente o Ocidente volta as atenções para o Oriente Médio com um olhar de incompreensão e preconceito, no entanto, é curioso os rumos que países como Estados Unidos e Brasil estão tomando, elegendo chefes de estado sujeitos que em seus históricos acumulam declarações com todos os tipos de intolerâncias. Assim, mais do que nunca, visões humanizadas de todas as etnias e de todos os povos se fazem extremamente necessários. Enquanto houver discurso opressor ou injustiças no mundo, o trabalho dos jornalistas é absolutamente fundamental.

“A pobreza só desaparecerá quando não houver mais aqueles que se beneficiam dela” (Pampliega 2018: 11). E as estratégias para manter as coisas como estão são muitas: demonizar o outro (o estrangeiro, o etnicamente diferente, o sujeito de determinada ideologia ou religião, etc), manter as classes sociais longe das universidades e as mulheres longe das escolas, controlar os meios de comunicação. Cabe ao jornalista relatar ao público o que está acontecendo para que ele tire as suas próprias conclusões.

Após a finalização desse artigo, pode-se ressaltar que ficaram claros diversos dos elementos do jornalismo humanizado, descrito por Jorge Ijuim, tais como o reconhecimento do outro na narrativa de Pampliega, as explicações e depoimentos sobre a complexidade do fenômeno e a apresentação humanizada dos personagens. Assim como o fisioterapeuta Alberto Cairo informa ao jornalista que dentro da Cruz Vermelha todos são considerados pacientes, independente de ser uma mãe de família ou um assassino que já matou centenas de pessoas durante a guerra, Pampliega também deu voz a diferentes tipos humanos que vivem no Afeganistão. Mesmo Pampliega tendo sido sequestrado pela Al Qaeda, ele não manifestou nenhum sentimento pessoal que comprometesse a humanização da narrativa, mesmo quando ele diz que não acredita mais na humanidade justamente pela falta de sentido das guerras. “Que sentido tem seguir trabalhando no meio de tanta merda?” (Pampliega 2018: 224). Aliás, o tom totalmente pessoal que o jornalista dá à narrativa torna tudo ainda mais humano.

Também é importante ressaltar que a obra de Pampliega é uma alter-

nativa para a história única, de Adichie (2010). Enquanto o Ocidente olha para o Oriente com o mesmo olhar míope que políticos como Jair Bolsonaro olham para os indígenas, para os pobres e para as vítimas de um sistema que jogam milhões de pessoas para o crime, Pampliega resolve romper com essa história única e se deixar encantar por uma paixão que é demasiadamente humana.

Todos nós, jornalistas, guardamos na memória destinos ou países que nos marcaram. Lugares que deixam uma marca, um entalhe na alma ou uma linha contorcida na memória. Envolve instante para os quais viajamos de novo e de novo para evocar aqueles beijos cálidos de uma amante cujo nome não somos capazes de recordar, porém, dos quais ainda preservamos o cheiro de sua pele e a doçura dos seus lábios. E isso exatamente que é o Afeganistão (Pampliega 2018: 12).

Assim, encerra-se este artigo com a certeza de que as narrativas jornalísticas contemporâneas precisam de mais humanidade e menos preconceito, mais amor e menos intolerância, mais liberdade e menos censura, mais reflexão e menos perseguição, mais poesia e menos prosa fria.

Referências bibliográficas

Adichie, Chimamanda Ngozi (2008): *Meio sol amarelo*. São Paulo: Companhia das Letras.

----- (2019): *O perigo da história única*. São Paulo: Geledes. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia> (Acesso em: 3 de março de 2019.)

Bardin, Laurence (2011): *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bortoli, Suzana Rozendo (2016): “Jorge Kanehide Ijuim”: *Sobre o jornalismo humanizado*. In: Revista Alterjor. São Paulo: USP, V.13.

Griswold, Eliza (2010): *Paralelo 10 – a linha geográfica e ideológica que divide o mundo cristão do islâmico*. São Paulo: Companhia das Letras.

Herr, Michael (2005): *Despachos do front*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Ijuim, Jorge (2014): *Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas*. Florianópolis: UFSC.

----- (2017): *Por que humanizar o jornalismo (?)*. In: *Revista Verso e Reverso*. São Leopoldo: Unisinos, V.31, 2017.

Kapuscinski, Ryszard (2012): *O xá dos xás*. São Paulo: Companhia das Letras.

Lima, Edvaldo Pereira (2005): *Páginas ampliadas – o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Barueri: Manole.

- Martinez, Monica (2016): *Jornalismo literário – tradição e inovação*. Florianópolis: Insular.
- Montoro, José Acosta (1973): *Periodismo y literatura*. Madrid: Guadarrama.
- Pampliega, Antonio (2018): *Las trincheras de la esperanza – Alberto Cairo: el hombre que reconstruye vidas en Afganistán*. Barcelona: Península.
- Ramos, Lazaro (2017): *Na minha pele*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Trezzi, Humberto (2013): *Em terreno minado – aventuras de um repórter brasileiro em áreas de conflito*. São Paulo: Geração.
- Veríssimo, Érico. *Israel em abril* (1997): São Paulo: Globo.
- Vilas Boas, Sergio (2008): *Jornalismo literário – um percurso filosófico*. São Paulo: ABJL.
- Yousafzai, Malala (2013): *Eu sou Malala*. São Paulo: Companhia das Letras.